

EDUCAÇÃO E MULTICULTURALISMO: PROFESSORES E ALUNOS, CONSCIENTES DESTES CONCEITOS NA UNIVERSIDADE?

LUCAS ROMÁRIO¹

Universidade Federal da Paraíba

lukas_ro_mario@hotmail.com

RESUMO

Este estudo teve como objetivo compreender a opinião de professores e alunos da Educação Superior (Universidade Federal da Paraíba), sobre conceitos como Educação e Multiculturalismo, considerados muito importantes para a formação docente, e também investigar as suas posições pessoais acerca de temas considerados “problemáticos” no espaço escolar. Dentro de uma pesquisa de natureza qualitativa, foi aplicado um questionário com professores e alunos da UFPB. As principais literaturas que orientaram este trabalho foram a de Brandão (1993), Moreira & Candau (2003) e Hall (2006). Ao analisar os dados da pesquisa, foi possível notar que os professores e alunos universitários se aproximaram do conceito de Educação trazido pela abordagem teórica conferida no âmbito deste trabalho, entretanto os mesmos não têm uma compreensão clara acerca do que seja de fato Multiculturalismo, tampouco de Currículo multiculturalmente orientado. Os resultados foram surpreendentes quanto à posição dos informantes em relação aos temas considerados problemáticos no espaço escolar, pois a convivência com pessoas de orientação sexual considerada “diferente” da sua e pessoas com religião “diferente” ainda se constituem como situações mais difíceis de conviver.

Palavras-chave: Educação; Multiculturalismo; Currículo; Universidade.

INTRODUÇÃO

Durante a disciplina Educação e Diversidade Cultural do curso de Pedagogia da UFPB (Universidade Federal da Paraíba) quando discutíamos conceitos como Educação, Cultura, Diversidade Cultural, Multiculturalismo, Direitos Humanos e Justiça, surgiu a necessidade de levantarmos as opiniões e concepções de professores e alunos da Educação Superior acerca dos mesmos, haja vista que na contemporaneidade esses conceitos vem sendo muito discutidos pela mídia, pelos conselhos de categorias profissionais, pelas universidades, em encontros, congressos, seminários, simpósios, enfim pelo âmbito acadêmico. A inquietação acadêmica e a vontade de conhecer nos levaram a realizar essa pesquisa para conseguirmos entender melhor como essas pessoas que estão envolvidas no ambiente universitário concebem tais conceitos e como convivem com pessoas consideradas “diferentes”.

¹ Graduando em Pedagogia pelo Centro de Educação da Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Graduado em Serviço Social pela Universidade Anhanguera- Uniderp. lukas_ro_mario@hotmail.com

Num país como o Brasil, que existe uma diversidade cultural e social tão grande, professores e alunos conseguem conviver pacificamente com temas polêmicos como: etnia, orientação sexual, religião, escolaridade, nacionalidade, deficiência física e mental e classe social? A opinião desses professores e alunos poderia nos ajudar enquanto futuros pedagogos a ter um panorama da realidade e da concepção que os nossos professores e alunos da Educação Superior possuem em relação a assuntos tão importantes para a sociedade em geral. A diversidade cultural é uma realidade que precisa ser trabalhada nas escolas e conceitos como esses precisam estar claramente inculcados nos discursos e nas práticas pedagógicas de professores para a construção de uma sociedade mais solidária e igualitária, na qual as pessoas respeitam o considerado “diferente” e que não exclua pessoas por sua condição física, psicológica, biológica ou social. Destarte, este trabalho tem como um dos principais objetivos emergir as opiniões de tais pessoas acerca de alguns conceitos que consideramos relevante para a nossa formação acadêmica e pedagógica tais como: Educação e Multiculturalismo. Acreditamos que para a formação de um pedagogo responsável com as questões políticas, culturais, sociais e educacionais é de muita importância compreender e defendermos o respeito à dignidade humana e o direito de uma educação sem preconceitos em relação a qualquer forma de expressão cultural, através de ações multiculturais.

Os sujeitos que compõem a nossa pesquisa se configuram em 20 pessoas, sendo 10 professores universitários e 10 alunos de diferentes cursos. Para realização dessa pesquisa optou-se por aplicação de questionários que segundo Lakatos (2012, p. 111) o mesmo é “constituído por uma série de perguntas que devem ser respondidas por escrito e sem a presença do pesquisador”. Para analisarmos os dados da pesquisa utilizaremos o método qualitativo que de acordo com Minayo (2001, p. 14) “trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e nos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis”.

No tocante à execução da coleta, processamento e finalização dos dados, o recurso técnico utilizado foi o do programa conhecido como SPSS. O *Statistical Package for Social Science for Windows* (SPSS) é um *software*, um programa para análise estatística de dados, em um avançado ambiente de computador, utilizando-se de planilhas interativas, menus e janelas de diálogo, que permite realizar cálculos complexos e visualizar resultados de forma simples, autoexplicativos. Foi esse programa que, operando como ferramenta de apoio ao levantamento estatístico, ofertou uma inegável dinâmica ao processo de pesquisa. As

principais literaturas que orientaram este trabalho são as de Brandão (1993), Moreira & Candau (2003), Hall (2006), Silva e Brandim (2008) e Pansini e Nenevé (2008).

MULTICULTURALISMO: UMA CÉLERE RETROSPECTIVA HISTÓRICA

A globalização e neoliberalismo, ambos fortemente presentes e dominantes na contemporaneidade têm contribuído cada vez mais para ampliação das desigualdades sociais. Às vezes nos indicadores sociais isso não pode ser tão representativo, entretanto quando voltamos o nosso olhar para a realidade dramática de alguns grupos sociais menos favorecidos, podemos perceber a distância que existe entre grupos de uma sociedade subalterna e grupos de uma sociedade elitizada. Quando falamos dessa maneira parece até que a sociedade está dividida em duas. Na realidade, elas não deveriam estar, mas infelizmente essa é uma realidade verídica, a sociedade há tempos, desde o surgimento da propriedade privada é fragmentada por desigualdades socioeconômicas.

Essa fragmentação social é um problema que engloba várias esferas da vida do cidadão, em especial do trabalhador em situação desfavorável financeiramente, que é vítima de uma sociedade que impõe padrões sociais, econômicos, educacionais e, sobretudo, culturais.

Tais padrões, assentados nas culturas ocidentais brancas, letradas, masculinas, heterossexuais e cristãs, estão arraigados no imaginário social e naturalizados cotidianamente nos diversos espaços de convivência humana, afetando tanto os chamados grupos minoritários quanto os pertencentes às esferas hegemônicas. Ademais, são padrões culturais definidos arbitrariamente e impostos de modo sutil ou arrogante e hostil, peculiar das culturas e identidades autoproclamadas “superiores [...]”. (SILVA & BRANDIM, 2008, p. 54)

Esses padrões culturais instituídos em sociedades eurocêntricas não têm como princípio básico considerar a cultura e/ou expressões culturais das pessoas que não possuem um poder aquisitivo tão favorável quanto os seus. O desejo de uniformidade da cultura por parte da cultura elitizada tem acentuado a exclusão de expressões culturais de uma sociedade em massa, haja vista que o número de pessoas com uma desvantagem socioeconômica é exorbitante, em relação àquelas que possuem uma vida financeira e social mais confortável, realidade nítida no Brasil.

Essa realidade que estamos abordando é uma realidade que não é exclusiva do século XXI, há muito tempo essas diferenças e desigualdades sociais constituem a sociedade. Em face à essa realidade dramática, determinados grupos sociais começam nos Estados Unidos nos anos finais do século XIX, engajados em movimentos sociais, como por exemplo, os negros, a questionar e lutar por seus direitos civis e o combate ao racismo. (Ibid, p. 56.) É nesse momento que alguns sinais dos movimentos multiculturais começam a apontar no cenário social. Os movimentos que buscam por esses direitos começam a ganhar força por volta dos anos 50 e tem como precursores professores afro-descendentes com doutorado e de universidades estadunidenses, incorporando em suas pesquisas e produções, críticas às desigualdades e pelo reconhecimento da cultura afro-descendente.

Nos anos finais dos anos 60 as lutas e a defesa por uma educação multicultural e reconhecimento das múltiplas culturas vão se fortalecendo, e adentrando as universidades, como acontece nas universidades de San Francisco, Harvard, Yale e Columbia. Nos anos 70, os Estados Unidos começa a criar políticas públicas estatais “visando garantir igualdade de oportunidades educacionais, de integração e justiça social a grupos culturais diversos, tais como os não-brancos, do sexo feminino, deficientes, alunos de baixa renda etc”. (Ibid, p. 57). Nas décadas de 80 e 90 começa-se a valorizar por meios dos discursos a idéia de múltiplas culturas, as vastas manifestações culturais e a diversidade.

No Brasil, segundo Silva e Brandim (2008) os debates acerca do multiculturalismo emergem em meados do século XX, com os grupos sociais de negros, e vem se fortalecendo nas décadas posteriores, com a ampliação dos debates por volta dos anos 80 decorrente da democratização política, e ampliando a defesa de um currículo multicultural nas universidades e nas escolas de educação básica, e concomitantemente verifica-se um aumento nas produções científicas em torno de uma educação multicultural.

AFINAL, O QUE É MULTICULTURALISMO?

Essa parte do trabalho se inicia com uma pergunta e/ou várias perguntas: o que seria de nós, se fossemos todos iguais? Difícil encontrar uma resposta para tão singular e ao mesmo tempo tão plural possibilidades. Cada um de nós nasce com duas pernas, dois braços, uma cabeça, um coração, dois pulmões, com emoções, medos, alegrias, famílias, amigos... Ou será que nascemos tão diferentes? Cada pessoa com duas pernas diferentes, dois braços diferentes, uma cabeça diferente, um coração menor, maior...? Ou ainda será que nascemos com uma

perna só? Sem nenhuma... com emoções totalmente diferentes, sem alegrias, com uma família diferente, ou sem família, com muitos amigos, ou pouco amigos e talvez sem nenhum? As pessoas são tão iguais, pensadas como seres humanos e ao mesmo tempo tão diferentes, enquanto indivíduos particulares, sujeitos singulares. As várias possibilidades de diferenças não se esgotam apenas no campo das características físicas, mas vai além, e chega às expressões culturais.

A cultura transcende do espaço particular de cada sujeito, e se anuncia na sociedade de forma à nunca mais se desprender. E o percurso contrário também ocorre, de forma predominantemente e asfixiante sobre as culturas populares. O que queremos dizer é que a cultura é indissociável da vida particular e da vida social: não há como separar e como impedir a influência de ambas. Mas é nesse ponto, que as coisas se complexificam. Às culturas populares são negados os direitos de manifestação e de expressão dos saberes concebidos por elas. A não ser que isso ocorra de maneira marginalizada, ou seja, que essas expressões culturais não adentrem as consideradas “culturas nobres e de elite”. As diversas lições de vida que as pessoas possuem são suprimidas em detrimento às lições e concepções ideológicas e culturais da classe dominante. E é nessa perspectiva que nos posicionamos contrários, nos espaços escolares e, sobretudo nos espaços acadêmico-universitários.

Dentro de uma proposta de formação multicultural, o aspecto político pode revelar e aprimorar os conhecimentos do futuro professor sobre as diferenças de classe. Isso porque ao se fazer uma reflexão multicultural sobre os motivos pelos quais muitas culturas são silenciadas no espaço escolar é inegável a análise sobre como as diferenças de classe e condição social contribuem para que as crianças que pertencem às classes minoritárias se tornem cada vez mais marginalizadas, tendo em vista que muitas vezes a escola através de um currículo, prática e materiais de ensino atua como uma agência que reforça a distância que separa a cultura dessas crianças de uma cultura considerada dominante. (PANSINI; NENEVÉ, 2008, p. 41)

Esse silenciamento cultural tanto na escola, quanto na universidade não devem existir. A universidade é o espaço destinado à criação ou sistematização dos conhecimentos científicos, para que esses conhecimentos sejam de forma colaborativa contribuir para a vida sócio-educacional e cultural da sociedade. Por isso, elencamos a importância de se pensar em uma política multicultural nesses espaços. Em Educação e, sobretudo, na Educação Superior não pode haver espaços para discriminações, silenciamentos e opressões culturais. Eis aí a necessidade de um Currículo multiculturalmente orientado, com base na realidade acadêmica, entretanto, também na realidade local.

Acrescentamos então, que os cursos de formação tenham como preocupação formar o “professor descolonizador”, ou seja, aquele que ao se identificar com a cultura dos alunos contribuirá para a construção do processo pedagógico voltado para o local, para a valorização dos conhecimentos e experiências populares e ainda para questionar as condições materiais da realidade dos grupos em que a escola está inserida. (PANSINI; NENEVÉ, 2008, p. 42)

Considerando a universidade como emancipatória e formadora de profissionais, sobretudo, de qualidade, e sabendo que o conhecimento geralmente é transmitido e construído a partir de conceitos e de referencial teórico, nossa pesquisa se concentra na idéia de que os conceitos de Educação e Multiculturalismo precisam estar *a priori*, arraigados profundamente na compreensão de alunos e especialmente de professores para que *a posteriori*, esses conceitos sejam disseminados no currículo universitário, e acima de tudo nas práticas educativas, proporcionando ao corpo docente uma reavaliação profissional para a ampliação, respeito e considerações das múltiplas expressões culturais.

Não basta acrescentar temas, autores, celebrações etc. É necessária uma releitura da própria visão de educação. É indispensável desenvolver um novo olhar, uma nova ótica, uma sensibilidade diferente. O caráter monocultural está muito arraigado na educação escolar, parecendo ser inerente a ela. Assim, questionar, desnaturalizar e desestabilizar essa realidade constitui um passo fundamental. Contudo, favorecer o processo de reinventar a cultura escolar não é tarefa fácil. Como afirmam os(as) educadores(as), exige persistência, vontade política, assim como aposta no horizonte de sentido: a construção de uma sociedade e uma educação verdadeiramente democráticas, construídas na articulação entre igualdade e diferença, na perspectiva do multiculturalismo emancipatório. (MOREIRA & CANDAU, 2003, p. 166)

Para os professores universitários colocar em prática o conceito e a ideologia multicultural, obviamente é preciso longos e profundos estudos acerca desses conceitos. “Nesse sentido é fundamental que a teorização sobre multiculturalismo e educação presente nos estudos e pesquisas desenvolvidas seja inserida nos currículos [...]” (PANSINI; NENEVÉ, 2008, p. 38). O Multiculturalismo deve ser trabalhado com muita consistência na universidade. E a diferenciação entre conceitos tais como multicultural e multiculturalismo, também devem ser enfatizadas para uma melhor e mais clara definição. Stuart Hall (2006) define a diferença entre os conceitos de Multicultural e Multiculturalismo:

Multicultural é um termo qualitativo. Descreve as características sociais e os problemas de governabilidade apresentados por qualquer sociedade na qual diferentes comunidades culturais convivem e tentam construir uma vida em comum, ao mesmo tempo em que retêm algo de sua identidade original. Em contrapartida, o termo “multiculturalismo” é substantivo. Refere-se às estratégias e políticas adotadas para governar ou administrar problemas de diversidade e multiplicidade gerados pelas sociedades multiculturais. É usualmente utilizado no singular, significando a filosofia específica. (p.50)

O Multiculturalismo não apenas descreve ou reconhece a diversidade cultural e as expressões culturais, enfim, ele surge nas ciências humanas e sociais para definir estratégias com o objetivo de gerir os problemas que as sociedades multiculturais apresentam. Especificamente no campo docente, os professores sejam da educação básica, ou da educação superior necessitam não apenas contemplar essas estratégias, mas é preciso uma incorporação profunda dessa concepção de multiculturalismo para uma educação com mais equidade de gênero, etnia, socioeconômica e, sobretudo de cultural.

O principal propósito, acrescentamos, é que o docente venha a descobrir outra perspectiva, assentada na centralidade da cultura, no reconhecimento da diferença e na construção da igualdade. Esperamos, assim, formar educadores que atuem como agentes sociais e culturais a serviço da construção de sociedades mais democráticas e justas. (MOREIRA & CANDAU, 2003, p. 167)

RESULTADOS E DISCUSSÕES: O QUE É EDUCAÇÃO?

No intuito de compreender as opiniões acerca de temas considerados polêmicos e culturalmente marginalizados pela sociedade, levantamos junto a um número reduzido de professores e alunos de alguns cursos da Universidade Federal da Paraíba, suas compreensões acerca dos conceitos Educação e Multiculturalismo.

O primeiro assunto abordado nos questionários foi a respeito da Educação. Nas respostas obtidas entre os sujeitos pesquisados nota-se que a concepção que se tem do conceito de Educação é muito ampla e clara para os professores, da mesma forma que os alunos também apresentam. Em geral ambos compreendem que a escola não pode ser considerada a única maneira de se propagar educação, confirmando o que Brandão (1993, p. 09) diz que “a escola não é o único lugar onde ela² acontece e talvez nem seja a melhor”, a educação pode ser apreendida no contexto social que as pessoas estão inseridas, ou seja, cada

² O pronome “ela” usado na citação de Carlos Brandão (1993, p. 09) se refere à Educação.

lugar, cada região, cada povo, possui as suas características peculiares e nem por isso existe uma cultura melhor do que a outra.

Os conhecimentos transmitidos por várias instituições como a família, as igrejas, as associações, a mídia, e a escola formal, são compreendidos como educação pelo pensamento dos professores. A educação não precisa necessariamente acontecer apenas dentro dos muros da escola, isso seria uma maneira centralizadora e antidemocrática, na qual considera o ensino formal como único meio de educar, e ainda poderia subestimar as várias expressões de culturas e maneiras de educar. Todas as pessoas têm o direito de acesso à educação institucionalizada, porém algumas pessoas têm esse direito violado, infelizmente, por conta da ausência de políticas públicas de permanência na educação escolar e também outros fatores. Entretanto, não justificável, mas podemos considerar isso, como algo compensatório e não menos importante, também os professores consideram a educação pela experiência, pelos sentidos, por aquilo que se vê, pelo que se sente, enfim, pelas manifestações culturais e sociais, reforçando o que Brandão afirma:

A educação é como outras³, uma fração do modo de vida dos grupos sociais que criam e recriam, entre tantas outras invenções de sua cultura, em uma sociedade. Formas de educação que produzem e praticam, para que elas reproduzam, entre todos os que ensinam-e-aprendem, o saber que atravessa as palavras da tribo, os códigos sociais de conduta, as regras de trabalho, os segredos da arte ou da religião, do artesanato ou da tecnologia [...] (Ibid, 1993, p. 10)

De acordo com o pensamento desse autor e com a opinião dos professores e alunos, a educação está muito relacionada com o conceito de cultura. Em cada sociedade, com determinadas características culturais é propagada a educação, mesmo que de maneiras distintas. Brandão (1993) nos mostra que nas pesquisas realizadas por antropólogos nas sociedades tribais das Américas, Ásia, África e Oceania, eles não utilizam o termo *educação*, para tratar das culturas tribais. Isso é muito interessante porque a cultura indígena, os rituais que eles praticam não podem ser considerados como educação? Todas as situações relacionadas à prática do índio com a natureza, com a caça, com seus próprios companheiros são considerados relações e/ou situações de aprendizagem. Essa aprendizagem acontece através da experiência, através daquilo que eles aprendem vendo, sentindo, escutando, etc. Nas comunidades indígenas não é necessário o método da coerção, os próprios indígenas se

³ Esta palavra “outras” é empregada por Brandão para demonstrar que a Educação é propagada de várias maneiras, seja através do meio social, de várias instituições, através da família e também da escola.

interessam em aprender aspectos de sua cultura. Cultura segundo Santos (2006, p. 24) se compreende assim:

[...] cultura diz respeito a tudo aquilo que caracteriza a existência social de um povo ou nação ou então de grupos no interior de uma sociedade. Podemos assim falar na cultura francesa ou na cultura xavante. Do mesmo modo falamos na cultura camponesa ou então na cultura dos antigos astecas. Nesses casos, cultura refere-se a realidades sociais bem distintas. No entanto, o sentido em que se fala de cultura é o mesmo: em cada caso dar conta das características dos agrupamentos a que se refere, preocupando-se com a totalidade dessas características, digam elas respeito às maneiras de conceber e organizar a vida social ou a seus aspectos materiais.

DIVERSIDADE CULTURAL: CONVIVENDO COM “O DIFERENTE”

Sabemos que existe um problema muito grande em nossa sociedade, o desrespeito à diversidade cultural. A luta pelo direito de respeito, por grupos sociais considerados excluídos, nem deveria mais existir, pois numa sociedade de seres humanos, o mínimo que deveria haver é a garantia do respeito. Mas esse direito ainda faz parte da luta desses grupos, a ser conquistado na contemporaneidade, como já foi dito. O preconceito é algo que atingiu e atinge a sociedade desde muito tempo e a convivência com “as diferenças” nem sempre acontece de maneira tranquila e pacífica. Muitas situações de intolerância e desrespeito condicionam situações de violência, seja, ela verbal, psicológica, social ou física.

Ao perguntarmos quais as situações menos e mais problemáticas de se conviver em sociedade, as questões apontadas para os professores e os alunos como menos problemática, se dá em torno da questão da idade. Já as mais problemáticas, são a religião e, sobretudo a orientação sexual diferente da sua. Como reflexão, tomamos aqui tal intolerância à homossexualidade como um problema social, vinculado ao indivíduo, à família e à sociedade, incluindo nesta, a escola. Na verdade, a compreensão da homossexualidade é uma questão composta de muitos conceitos e definições equivocadas e preconceituosas. De certa forma, entendemos que, como problema social, a sua relevância tem sido subestimada e até desviada no campo da saúde e da educação. Políticos e mídia, com poucas exceções, tratam-na da forma que melhor lhes convém, algumas vezes até em tom de sensacionalismo e de ironia. O certo é que, embora seja uma orientação sexual presente em 10% da população do mundo, a homossexualidade ainda enfrenta grandes desafios e violências diversificadas. O preconceito, o mau trato, a intolerância e muitas vezes a agressão física que tem início no convívio escolar pode evoluir para uma intolerância extrema, conduzindo a situações de atentados contra a vida e

a homicídios, em casos extremos. Nesta notícia, da página do site UOL-Notícias podemos verificar, o que acontece no Brasil na atualidade em relação ao preconceito e a violência contra homossexuais.

O Grupo Gay da Bahia, a mais antiga associação de defesa dos direitos humanos dos homossexuais no Brasil, divulgou nesta quinta-feira (10), o Relatório de Assassinato de LGBT de 2012. No ano passado, 338 homossexuais foram assassinados no país, o que significa uma morte a cada 26 horas. Os números mostram um aumento de 21% em relação a 2011, ano em que houve 266 mortes, e um crescimento de 177% nos últimos sete anos. Os homens homossexuais lideram o número de mortes, com 188 (56%), seguidos de 128 travestis (37%), 19 lésbicas (5%) e dois bissexuais (1%). De acordo com o estudo, o Brasil está em primeiro lugar no ranking mundial de assassinatos homofóbicos, concentrando 44% do total de mortes de todo o planeta, cerca de 770. Nos Estados Unidos, país que tem cerca de 100 milhões a mais de habitantes que o Brasil, foram registrados 15 assassinatos de travestis em 2011, enquanto no Brasil, foram executadas 128. (AFFONSO, 2013)

A maioria desses crimes aconteceu em São Paulo (45 vítimas), contudo Alagoas (com 18 vítimas) é considerado o estado mais perigoso para homossexuais em termos relativos, seguido da Paraíba (com 19 assassinatos). Seguramente, a homofobia e outros preconceitos sociais são muitas vezes legitimados por padrões culturais que cultivam hierarquias e moralismos da masculinidade, com resíduos culturais patriarcais. Certamente também é o caso da Paraíba, Estado qual estamos localizados.

Preocupado com tal violência, o Alto Comissariado de Direitos Humanos da Organização das Nações Unidas/ONU enviou recentemente um documento aos Estados-membros recomendando cinco princípios: 1. proteger indivíduos de violência homofóbica e transfóbica; 2. prevenir tortura e tratamento cruel, desumano e degradante de pessoas lésbicas, gays, bissexuais e transexuais; 3. descriminalizar a homossexualidade; 4. Proibir a discriminação baseada em orientação sexual e identidade de gênero e 5. respeitar as liberdades de expressão, de associação e de reunião pacífica.

Pela parte da ciência, sabe-se que há mais de trinta anos a homossexualidade foi excluída da Classificação Internacional de Doenças/CID. Para a neurociência, a orientação sexual é congênita, determinada biologicamente e antes do indivíduo nascer; o termo correto é homossexualidade e nunca homossexualismo, uma vez que enquanto o sufixo “ismo” refere-se à doença; “dade” é uma derivação que significa modo de ser.

Um homossexual morrer no Brasil a cada 26 horas expressam dados de violência terrível, como seria com qualquer pessoa, mas o que enfatizamos aqui é o fato de que antes de

qualquer coisa, essa minoria tão discriminada são seres humanos e mortas por apenas apresentar uma orientação sexual diferente da heteronormativa. As pessoas são mortas pelo ato de preconceito e violência praticados por pessoas que muitas vezes são muito bem informadas, entretanto preferem deixar que o preconceito histórico-cultural perpasse a razão e cometam 338 assassinatos contra pessoas homossexuais, em 2012 no Brasil. Todos esses problemas e a necessidade de fortalecer o reconhecimento das identidades e expressões culturais levaram os governos a criarem políticas públicas e estratégias para o reconhecimento e representação da diversidade cultural e a conquista de espaços para que as minorias fortalecessem suas características culturais, o Multiculturalismo.

Para compreender como os nossos professores e alunos entendem o conceito de Multiculturalismo, os indagamos a respeito do mesmo. De acordo com a opinião dos nossos sujeitos pesquisados, notamos que Multiculturalismo é algo ainda não muito claro para eles, mas também não desconsideramos as respostas obtidas:

São estas expressões variadas, misturadas, envolvidas, influenciadas e sendo criadas novas formas, ou seja, diversificando ao longo da história a medida que as sociedades se encontravam ou se afastavam. (Professor 01).

Varias culturas inseridas em uma só, ou seja, um conjunto de tradições. (Professor 02).

Onde a população vive em diversas culturas, o Brasil é um exemplo. (Professor 03).

Pluralidade de modos de ser e estar no mundo relacionado a diferentes grupos humanos que podem conviver em um mesmo espaço. (Professor 04)

É a expressão que se dá à existência de diversas culturas numa só localidade, seja uma cidade ou um país. (Professor 05).

Todas as manifestações culturais presentes na sociedade. (Professor 06).

Talvez esteja relacionado a junção de varias etnias com o objetivo de compreender e respeitar outros gêneros, sempre em busca do saber. (Professor 07).

Apenas um professor se aproximou em nossa compreensão, do conceito elaborado por autores acerca do conceito de Multiculturalismo:

Estratégias políticas que os governos adquirem para lidar com as diversas culturas em um determinado local e sociedade. (Professor 08).

Um deles (Professor 09) afirma desconhecer o real conceito dessa palavra, e outro deixou a pergunta em branco (Professor 10). Destarte, podemos verificar a incompreensão do

conceito, e podemos questionar, acerca das práticas pautadas num currículo multiculturalmente orientado por parte desses professores. O que concerne às respostas obtidas pelos alunos universitários, tem-se o seguinte:

Entendo que seja a diversidade cultural, a existência de várias culturas dentro de uma determinada sociedade. (Aluno 01)

É a presença de muitas culturas no mesmo ambiente. (Aluno 02)

Diversidade de culturas em um mesmo ambiente. (Aluno 03)

São as formas de manifestações culturais presente na sociedade. (Aluno 04)

Varias praticas culturais cultivadas por um ou diversos grupos sociais, resultado da migração e imigração de vários povos. (Aluno 05)

Variedade de expressão destes hábitos e costumes. (Aluno 06)

Reconhecimento, compreensão das diversidades culturais. (Aluno 07)

A maneira com que diversas formas de cultura se relacionam. Varias culturas. Não existe cultura melhor ou pior. (Aluno 08)

São os diferentes gêneros, etnias, culturas, raças entre outros de um país. (Aluno 09)

Um deles não quis responder ou não soube responder a questão. Para elucidar quaisquer dúvidas e reforçar as diferenças entre, Multiculturalismo, Diversidade Cultural, Multicultural, entres outros termos emaranhados, Silva e Brandim (2008), afirmam:

[...] o multiculturalismo é uma estratégia política de reconhecimento e representação da diversidade cultural, não podendo ser concebido dissociado dos contextos das lutas dos grupos culturalmente oprimidos. Politicamente, o movimento reflete sobre a necessidade de redefinir conceitos como cidadania e democracia, relacionando-os à afirmação e à representação política das identidades culturais subordinadas. Como corpo teórico questiona os conhecimentos produzidos e transmitidos pelas instituições escolares, evidenciando etnocentrismos e estereótipos criados pelos grupos sociais dominantes, silenciadores de outras visões de mundo. Busca, ainda, construir e conquistar espaços para que essas vozes se manifestem, recuperando histórias e desafiando a lógica dos discursos culturais hegemônicos. Os estudos sobre os fenômenos culturais partem da necessidade de compreensão dos mecanismos de poder que regulam e autorizam certos discursos e outros não, contribuindo para fortalecer certas identidades culturais em detrimento de outras. (p. 60-61)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Numa sociedade tão desigual e excludente como a sociedade brasileira, todos os profissionais, ligado à educação ou não, mas, sobretudo os educadores, e em especial os professores universitários precisam conhecer os conceitos e adotar as estratégias multiculturais, pois é essencial a formação de educadores que estejam comprometidos com uma prática pedagógica multiculturalmente orientada, para que não haja a transmissão e reprodução de preconceitos que vem assolando a educação, e a sociedade como um todo no Brasil há muito tempo. As estratégias multiculturais precisam estar imbuídas na ação docente para que os alunos não sejam “objetos” de discriminação, tanto na universidade quanto na educação básica, afinal os professores que estão sendo formados hoje, futuramente talvez ajam na sala de aula de acordo com a formação que recebeu nas universidades. Esses futuros educadores e demais universitários precisam assumir uma postura com “novos saberes, novos objetivos, novos conteúdos, novas estratégias e novas formas de avaliação”. (MOREIRA; CANDAU, 2003, p. 157). A formação docente deve ser comprometida com o respeito, liberdade e principalmente o olhar voltado para os seus alunos, haja vista que esses são seres sociais que possuem saberes, vida própria e principalmente dignidade humana.

A pesquisa mostrou que a opinião dos professores e alunos da Educação Superior em relação ao conceito de Educação se aproximou do contido na literatura de referência escolhida para este trabalho, ou seja, a concepção de Carlos Brandão (1993). Entretanto, no que se refere ao conceito de Multiculturalismo, tanto os professores quanto os alunos, demonstraram uma defasagem conceitual muito grande em relação ao conceito. Por levantar questões polêmicas e possibilitar a discussão acadêmica dos problemas, a pesquisa é de grande valia e pode contribuir para desdobramentos futuros do estudo das questões da diversidade cultural e multiculturalismo.

No tocante ao quesito Multiculturalismo, compreendemos que a disseminação desse conceito na universidade ainda é muito tímida ou equivocada, carecendo de reparações e de substanciamento teórico, deficiência sentida principalmente quando se percebe que as conceituações do professorado pesquisado ficaram a nível muito próximo das manifestadas por seus alunos. Há de se observar, reavaliar, e, sobretudo transformar as práticas curriculares, ou seja, precisa-se de investimentos educacionais, culturais e políticos para a consolidação de um currículo multiculturalmente orientado, pois se há dúvidas na raiz, ou seja, no conceito, as práticas não estão pautadas em princípios multiculturais.

Também observamos que, no tocante à dificuldade de convívio, intolerância e até uma possível identificação homofóbica crescente nos depoimentos, o professorado e o alunado pesquisado precisam desconstruir certos preconceitos, destapar os olhos para a realidade e se abrirem para aprender e respeitar a cultura do “diferente”. Vale ressaltar aqui que, no ambiente escolar, ocorre quase sempre um recorrente uso de linguagem pejorativa no intuito de humilhar, ofender, isolar, tyrannizar e ameaçar determinadas minorias, ressaltando-se aqui os homossexuais e por extensão, LGBT; e alguns professores, ao invés de agir contra essa prática, desempenham uma não assumida convivência com essas discriminações, banalizando-as e naturalizando-as.

Esses conceitos devem ser trabalhados com mais persistência e abrangência nos conteúdos curriculares das escolas, e na formação de professores para que esses sujeitos possam ter uma noção mais precisa de aspectos considerados atualmente bastante importantes para o nosso desenvolvimento sócio-educacional. Alunos e professores terem a noção de conceitos como esses é de grande importância para a construção de uma sociedade mais igualitária, com menos preconceito, com respeito à diversidade cultural.

Tentaremos contribuir com este trabalho para que profissionais da educação superior e básica tenham uma compreensão mais sólida acerca dos temas Educação e Multiculturalismo, e principalmente adotando estratégias e atitudes multiculturais para a construção de uma sociedade que respeita as “diferenças”, e inculcando nas pessoas a consciência de solidariedade, tolerância e principalmente respeito em relação a qualquer tipo de situações consideradas “distintas” das culturalmente ditas como “corretas”. Não existe certo ou errado, é preciso desconstruir do discurso essa dicotomia, pois quando se trata de especificidades e diversidade cultural temos múltiplas possibilidades, e o mais importante é entender que cada pessoa e cada grupo social têm o direito de expressar sua cultura da melhor forma possível, e cabe a nós participantes dessa sociedade excludente, incluir e lutar pela garantia dos direitos e reconhecimento multicultural das culturas.

REFERÊNCIAS

AFFONSO, Júlia. **Brasil tem uma morte de homossexual a cada 26 horas, diz estudo**. Rio de Janeiro, 2013. Disponível em: <http://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2013/01/10/brasil-e-pais-com-maior-numero-de-assassinatos-de-homossexuais-uma-morte-a-cada-26-horas-diz-estudo.htm>. Acessado em: 05 de Setembro de 2013 às 15:22 hs.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é Educação**. Coleção Primeiros Passos. Editora Brasiliense. ed. 28. São Paulo, 1993.

HACKMANN, Berenice Gonçalves. **Tipos de Pesquisa**. FACCAT, 2011. Disponível em: http://www2.faccat.br/download/pdf/posgraduacao/pic_2011/08_tipos_pesquisas_2011.pdf. Acessado em: 10 de Novembro de 2013, às 22:15 hs.

HALL, S. **Da diáspora: identidades e mediações culturais**. Belo Horizonte, Editora UFMG, 2006.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. A. **Metodologia do trabalho científico: procedimentos básicos, pesquisa bibliográfica, projeto e relatório, publicações e trabalhos científicos**. – 7. ed. – 7. reimp. – São Paulo: Atlas, 2012.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis: Vozes, 2001.

MOREIRA, A. F. B.; CANDAU, V. M. **Educação escolar e cultura(s): construindo caminhos**. Revista Brasileira de Educação. n° 23. Rio de Janeiro, 2003. pp. 156-168. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n23/n23a11.pdf>. Acessado em 15 de Novembro de 2013 às 21:18 hs.

PANSINI, Flávia; NENEVÉ, Miguel. **Educação multicultural e formação docente**. *Currículo sem Fronteiras*, v.8, n.1, pp.31-48, Jan/Jun 2008. Disponível em: http://www.curriculosemfronteiras.org/vol8iss1articles/pansini_neneve.pdf. Acessado em: 15 de Novembro de 2013 às 10: 32 hs.

SANTOS, José Luiz dos, 1949. **O que é cultura**/José Luiz dos Santos. São Paulo: Brasiliense, 2006. (Coleção primeiros passos; 110) Disponível em [http://bvespirita.com/O%20Que%20%C3%A9%20Cultura%20\(José%20Luiz%20dos%20Santos\).pdf](http://bvespirita.com/O%20Que%20%C3%A9%20Cultura%20(José%20Luiz%20dos%20Santos).pdf). Acessado em 15 de Novembro de 2013 às 16:45 hs.

SILVA. Maria José Albuquerque. BRANDIM, Maria Rejane Lima. **Multiculturalismo e educação: em defesa da diversidade cultural**. versa: ano I – n° I: pp. 56-61, jan./jun, 2008. Disponível em: http://www.ufpi.br/subsiteFiles/parnaiba/arquivos/files/rd-ed1ano1-artigo4_mariasilva.pdf. Acessado em 13 de Novembro de 2013 às 21:27 hs.